

**La Revolución Mexicana y La Opinión Pública Española: La Prensa Sevillana Frente ao Proceso de Insurrección. Rosario Sevilla Soler
Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005 ,249p.**

Fábio da Silva Sousa*

Datas comemorativas constituem-se em momentos significativos para o ofício do historiador, cuja problemática é ancorada no Tempo. Sendo oficiais ou não, as comemorações de certos eventos podem suscitar novas questões ou abrir novos campos investigativos acerca dos mesmos, e o historiador, além de outros profissionais das chamadas ciências humanas, devem estar atentos para aproveitar essas oportunidades. No limiar de completar o seu centenário, a Revolução Mexicana revela-se um objeto rico e inesgotável, com diversas possibilidades de pesquisas e interpretações. Eclodida antes da 1ª Guerra Mundial e da Revolução Russa, o processo revolucionário mexicano repercutiu em diversos países por meio dos periódicos que, atualmente, são fontes bastante utilizadas em pesquisas históricas. Descobrir como a Revolução Mexicana foi registrada nas páginas dos periódicos da imprensa de Sevilha, como foi a sua relação com a opinião pública e se de todo esse processo houve a formação de uma memória coletiva são os objetivos propostos nesse interessante trabalho de Rosario Sevilla Soler.

A baliza temporal do estudo de Soler abarca o período de 1910 até 1921, que, no caso do México, corresponde à primeira fase da Revolução Mexicana, protagonizada por Francisco Ignacio Madero contra o então presidente Porfirio Díaz, até a Revolução Constitucionalista Liberal, que teve como fato importante a morte de Venustiano Carranza e a consolidação de uma classe dirigente advinda do Estado de Sonora, por meio da posse de Álvaro Obregón em primeiro de dezembro do mesmo ano. A década de 1920 também representa o período conhecido de reconstrução nacional e marcou o fim dos combates armados das diversas facções mexicanas,

* Mestrando em História Social pela Universidade Estadual Paulista, Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras / Campus Assis.

resultantes da morte de Emiliano Zapata, em 1919 e da rendição de Francisco “Pancho” Villa.

A escolha da autora em trabalhar com o processo revolucionário mexicano até o começo da década de 1920 do século passado é importante, uma vez que a temporalidade da Revolução é um tema em aberto, possuindo diversas interpretações.

Tradicionalmente, muitos estudos apontavam que a Revolução do México terminava em 1917, com a promulgação da Constituição realizada por Venustiano Carranza. O suporte metodológico dessa afirmação foi elaborado por Jesús Silva Herzog, no clássico *Breve historia de la Revolución Mexicana*. Influenciando uma geração de historiadores, essa interpretação sobre a Revolução foi oficializada pelo governo mexicano. Contudo, é relevante citar que o autor deste trabalho foi membro e militante da ala esquerdista do Partido Revolucionário Institucional, o PRI, que governou o México por quase 70 anos consecutivos. Outras pesquisas foram realizadas e acabaram criticando essa interpretação tradicional sobre a Revolução Mexicana.

Adolfo Gilly, no livro *La Revolución Interrumpida*, defende que a Revolução durou até 1920. Segundo ele, a rendição de Pancho Villa e o assassinato de Emiliano Zapata, como já citado, foram decisivos para a derrota das vertentes mais populares e sociais que surgiram no processo revolucionário mexicano.

Uma outra interpretação temporal foi realizada por Hans Werner Tobler, em *La Revolución Mexicana: transformación social y cambio político (1876-1940)*. Para Tobler, a Revolução foi um processo de “longa duração”, iniciada em 1910 e finalizada em 1940, no governo de Lázaro Cárdenas, considerado pelo autor como o período de consolidação das demandas sociais surgidas no bojo revolucionário.

Soler está ciente dessas várias vertentes historiográficas da Revolução Mexicana e inicia a sua obra com uma discussão dessa problemática, além de realizar um histórico da imprensa de Sevilha, com resultados positivos, pois introduz o leitor ao que será discutido ao longo de todo o livro. A escolha dos periódicos foi orientada pelas suas posições

ideológicas e políticas: *El Liberal*, independente, *El Noticiero Sevillano* e *El Correo de Andalucía*, ambos conservadores, monárquicos e católicos.

A metodologia selecionada pela autora foi a de narrar os acontecimentos da Revolução e interligá-los às notícias que foram publicadas pelos três periódicos investigados. Pelas notas de rodapé, percebe-se que a autora utilizou em grande medida a obra clássica de Alan Knight, *La Revolución Mexicana: del Porfiriato al nuevo régimen constitucional*, para descrever o cotidiano do período do México Revolucionário.

Ao trabalhar especificamente com as matérias publicadas, Soler demonstra a grande dificuldade da chegada de informações confiáveis aos redatores dos periódicos sevillanos. Algumas notícias eram contraditórias, incompletas e equivocadas, todas provenientes dos Estados Unidos, da França ou das colônias espanholas existentes no México. Essa variedade de lugares das fontes de informações contribuiu para aumentar a confusão do que era publicado pelos jornais impressos, o que acabou acarretando um desconhecimento do que realmente acontecia no México. Interessante que Soler aborda que muito do que foi publicado nessas páginas impressas só acabou sendo revisto e corrigido com obras historiográficas “y si bien, a veces, se acababa señalando la versión verdadera, en muchas ocasiones el asunto quedaba en el aire y su veracidad o falsead solo podría conocerse a través de los historiadores posteriores de la Revolución,” (p. 239).

Os líderes populares Pancho Villa e Emiliano Zapata foram retratados de forma depreciativa pelos periódicos, que ignoraram as diferenças existentes entre ambos, publicando apenas notícias negativas e que narravam supostas crueldades cometidas pelos seus comandados. No período de Victoriano Huerta, os periódicos coincidiram em suas matérias publicadas, ao criticarem a intervenção dos Estados Unidos. Devido à intervenção dos Marines no Porto de Vera Cruz, o governo de Huerta (fevereiro de 1913 a julho de 1914) foi o período que mais recebeu atenção pelas folhas impressas sevillanas. Inicialmente, Huerta era retratado de forma negativa e bastante criticado pelos periódicos. Contudo, após a intervenção estadunidense, os jornais mudaram seu

discurso e Huerta passou a ser considerado um homem forte, que lutava contra o *imperialismo yanki*. Já o triunfo dos constitucionalistas foi recebido de forma positiva, retratando um México que estava se pacificando e cujo poder civil, aos poucos, estava se reconstruindo.

Apesar das diferenças ideológicas e políticas dos periódicos pesquisados, Soler sustenta, por meio de uma análise cuidadosa, que as publicações sevilhanas interpretaram o processo revolucionário mexicano como sendo um produto do imperialismo norte-americano, tendenciosamente guiada pela preocupação das colônias espanholas no México. Além disso, a opinião pública espanhola estava passando por um momento de pessimismo e frustração, decorrente da guerra travada com os Estados Unidos e pela perda da colônia cubana em 1898.

Sevilha Soler conclui que esses fatores políticos resultaram numa leitura da Revolução Mexicana guiada pela perspectiva espanhola, que acabou encobrendo e ignorando toda a complexidade ideológica presente no processo revolucionário do México. A eclosão da Primeira Guerra Mundial acarretou um refluxo do material publicado sobre a Revolução, contudo, os jornais sevilhanos continuaram preocupados com o México, com as colônias e com uma eventual expansão dos Estados Unidos por todo o território mexicano. Para a autora, foi essa visão do processo revolucionário que acabou se fixando na memória coletiva da opinião pública sevilhana daquele período, e que acabou de certa forma guiando o que foi publicado na imprensa, e a dificuldade de receber informações diretamente do território mexicano ajudou a manter essa tendência nas notícias que foram publicadas.

Em suma, o livro de Soler é bastante importante para pesquisadores que trabalham com imprensa, como também para especialistas na área de América Latina, além de servir a um público mais amplo e leigo. Escrevendo de forma clara, a autora conseguiu atingir a erudição sem se restringir a uma linguagem acadêmica, o que deixa a obra também convidativa para quem gosta de um bom livro de História.

Recebido em out./ nov. de 2008 e
aprovado em jan. de 2009.